



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO TÉCNICO, MÉDIO E A DISTÂNCIA.
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

ANTÔNIO LUIS CRUZ

ENSINO DE GEOGRAFIA NA CIDADE DE ARARUNA:

DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Araruna - PB

2014

ANTÔNIO LUÍS CRUZ

**ENSINO DE GEOGRAFIA NA CIDADE DE ARARUNA:
DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Prática Pedagógica Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Gomes Brandão

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C957e Cruz, Antonio Luis.
Ensino de geografia na cidade de Araruna [manuscrito] :
desafios e possibilidades / Antonio Luis Cruz. - 2014.
35 p. : il. colorido.

Digitado.

Monografia (Especialização em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância , 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Alessandra Gomes Brandão , Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância."

1. Ensino de geografia. 2. Cartografia. 3. Corpo docente. 4. Araruna. I. Título

21. ed. CDD 372.891

ANTÔNIO LUIS CRUZ

**ENSINO DE GEOGRAFIA NA CIDADE DE ARARUNA:
DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

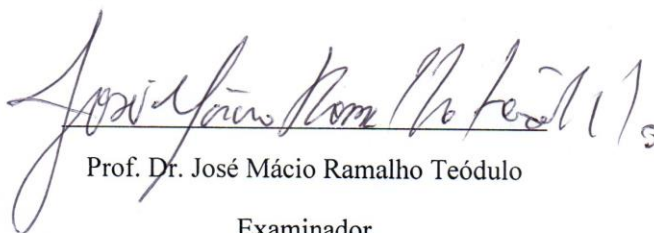
Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Prática Pedagógica Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Pública do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 26/07/2014



Profª Drª Alessandra Gomes Brandão / UEPB

Orientadora



Prof. Dr. José Mácio Ramalho Teóculo

Examinador

Prof. Dr. Edvaldo da Costa Lima

Examinador

DEDICATÓRIA

Dedico a Deus, pela saúde, por esse momento maravilhoso. Aos meus, pais, meus amigos, a minha esposa e aos meus filhos, que estiveram comigo nesta caminhada, me incentivando e dando forças para vencer.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dá força e coragem para segui em enfrente. A minha esposa e meus filhos pela força que eles me dão para que um dia eu possa alcançar os meus objetivos e todos aqueles me ajudaram diretamente e indiretamente.

Muito obrigado.

De modo geral, a todos que contribuíram com a história de minha trajetória, seja em maior ou menor escala, agradeço de coração e desejo-lhes sempre o melhor, acreditando em nossas capacidades e conquistando novos mundos a cada dia.

Feliz aquele que transfere o que Sabe e
aprende o que “ensina”

Cora Coralina

RESUMO

O presente trabalho surge como resposta a uma investigação que visou conhecer as principais dificuldades e possíveis soluções para o ensino de geografia apontada pelos professores que realizam esse ensino nas escolas públicas de ensino da cidade de Araruna-Pb. Para isso, o trabalho fez uma revisão bibliográfica com alguns autores que discutem o ensino de geografia, visando tanto conhecer melhor os aspectos históricos, como os principais problemas do ensino escolar desta disciplina. Para estudar a realidade local, desenvolvemos um questionário com 15 questões objetivas e subjetivas. O propósito dessas questões foram tanto formar um perfil desses professores, como conhecer sua atuação e percepção sobre o ensino de geografia em Araruna. Os resultados demonstraram que temos problemas no que se refere à formação; compreensão dos objetivos do ensino de geografia escolar, mas que podem ser resolvidos, como apontam os próprios professores, com mais capacitação desse corpo docente.

PALAVRAS – CHAVES: Ensino de Geografia; Cartografia; Araruna.

A B S T R A C T

This paper is a response to an investigation that targeted the main difficulties and possible solutions for geography teaching by teachers who indicated that teaching in public elementary schools of the city of Araruna-PB. For this, the work did a literature review with some authors argue that the teaching of geography, aiming both to better understand the historical aspects as the main problems of school education in this discipline. To study the local situation, we developed a questionnaire with 15 objective and subjective questions. The purpose of these questions were either form a profile of teachers, how to know its performance and perception on the teaching of geography in Araruna. The results have shown that problems with regard to training; understanding of the objectives of the teaching of school geography, but that can be solved, as shown by the teachers with more training this faculty.

KEYWORDS: Teaching Geography; cartography; Araruna.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPITULO I.....	12
1. TRAJETÓRIA DA GEOGRAFIA: UM BREVE RELATO	12
1.1 GEOGRAFIA COMO DISCIPLINA ESCOLA.....	13
1.2 GEOGRAFIA TRADICIONAL E GEOGRAFIA CRÍTICA	14
1.2.1 A GEOGRAFIA TRADICIONAL.....	14
1.2.2 A GEOGRAFIA CRÍTICA.....	15
1.2.3 PRINCIPIOS BÁSICOS DA GEOGRAFIA TRADICIONAL E CRÍTICA.....	18
CAPITULO II.....	19
2. ENSINO DE GEOGRAFIA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES.....	19
2.1 CARTOGRAFIA: UM DESAFIO A MAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA.....	21
3. ENSINO DE GEOGRAFIA EM ARARUNA.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
ANEXO.....	34

LISTA DE GRÁFICOS

Grafico 01 – Formação em nível de Graduação.

Grafico 02 – Formação em pós-graduação.

Gráfico 03 – Objetivos do ensino de geografia.

Grafico 04 – Tempo de Experiência como professor.

Grafico 05 – Ensino de geografia: tradicional ou inovador.

Grafico 06 – A importancia do ensino de cartografia.

Grafico 07 – Cartografia do livro texto de geografia

Grafico 08 – Formação em cartografia.

Grafico 09 – Principais dificuldades no ensino de cartografia.

Grafico – 10 – Solução para melhoria do ensino escolar de geografia

INTRODUÇÃO

Este trabalho surge como parte da minha inquietação pessoal como professor de geografia na cidade de Araruna, especialmente no que diz respeito ao ensino de cartografia - uma vez que a prática docente tem me mostrado grandes dificuldades dos alunos em relação a este tema.

Contudo, para ampliar um pouco mais essa possibilidade de análise, decidimos verificar as dificuldades e potencialidades percebidas pelos professores no Ensino de Geografia, como um todo, e sobre o Ensino de Cartografia, em particular.

Como nos diz Oliveira (1989, p. 137), “a grande maioria dos professores da rede de ensino sabe muito bem que o ensino atual da geografia não satisfaz nem ao aluno e nem ao professor.” De forma semelhante, a construção do conhecimento é alicerçada pelo livro didático mesmo que este apresente problemas.

Sendo assim, é objetivo deste trabalho analisar o perfil desses professores, no sentido de sua formação e compreensão do papel da geografia, assim como as dificuldades por eles percebidas e possíveis soluções para estas questões.

Entendemos que a referida análise possa contribuir, mesmo que modestamente, para compreender melhor os desafios e possibilidades do ensino de geografia em nosso município, assim como possíveis encaminhamentos de soluções sugeridas por esses mesmos professores.

Para construção deste trabalho, realizamos uma revisão bibliográfica que visou apresentar, brevemente, os aspectos históricos da área, sua implantação como disciplina escolar, assim como os principais problemas discutidos por estudiosos da geografia. A nossa pesquisa empírica trabalhou com dez professores de geografia das três escolas da área urbana da cidade de Araruna. Esse número corresponde a 80% dos docentes de geografia da região. Para obtenção dos dados, construímos um questionário com 15 questões objetivas, mas que permitiam que os professores justificassem suas respostas. Todos os professores responderam integralmente os questionamentos, o que permitiu uma análise da sua compreensão sobre o papel do ensino de geografia, o lugar da cartografia nesse contexto, principais dificuldades para o ensino, assim como qual a solução para os mesmos.

CAPÍTULO I

1. TRAJETÓRIA DA GEOGRAFIA: UM BREVE RELATO

Desde os primeiros tempos da civilização, o homem sempre teve a intenção de investigar o espaço em que ele vive. Com as observações sobre o mundo e seus fenômenos, como o pôr-do-sol e a posição das estrelas, o homem criou calendários, que o ajudavam no plantio da agricultura e até mesmo em organizar melhor a vida.

As antigas civilizações desconheciam o tamanho do mundo, apenas uma parte do planeta era conhecida. Os navegadores da antiguidade, principalmente os fenícios, detiveram grande parte dos domínios do conhecimento geográfico humano, pois era necessário ter um conhecimento efetivo da extensão que o planeta possuía. Sendo assim era importante conhecer todo o espaço terrestre.

A evolução do comércio colonial, os Estados europeus procuraram criar o inventário dos recursos naturais, pois nas terras dominadas eram encontrados muitos desses recursos, com isso, armazenavam-se informações mais sistematizadas e faziam-se observações com caráter científico.

Assim, não se possuía o conhecimento dos recursos naturais somente através de relatos, mas sim com levantamentos bem mais técnicos das expedições com finalidades exploratórias. A existência e fundação de institutos nas metrópoles tinham a finalidade de guardar todos os materiais que eram coletados. Assim a Geografia que surgiu na primeira metade do século XIX, foi basicamente à coleta desse material. Também com as grandes navegações surgiram as primeiras técnicas cartográficas. Era necessária para a obtenção de bons êxitos a representação dos fenômenos que eram observados, e que houvesse a localização dos territórios.

A representação cartográfica necessitava ter um sistema mais padronizado na época das grandes navegações, para uma maior cooperação na expansão do comércio daquela época. Demandava neste período a criação de mapas e cartas com os mais específicos, para que calculassem rotas e caminhos mais precisos. Assim, criaram-se as técnicas de impressão e popularizaram-se as cartas e os Atlas.

Contudo, a bibliografia mostra que as raízes históricas dos estudos da geografia estão ligadas ao pensamento grego. Na Antiguidade, a geografia compunha um saber

vinculado à filosofia, às ciências da natureza e à matemática, permanecendo assim até o final do século XVIII.

A expansão do capitalismo e o desenvolvimento comercial e industrial do início do século XIX contribuíram para que a geografia se tornasse uma ciência autônoma, com um conhecimento específico. Sua sistematização colaborou, decisivamente, para o processo de consolidação do capitalismo na Europa, através do avanço e domínio das relações capitalistas de produção, bem como, na constituição do modo de produção capitalista. Em 1870, na Alemanha, a geografia surgiu como uma disciplina acadêmica e foi introduzido na universidade, o que, posteriormente, também ocorreu na França.

Segundo Martins (2002), no Brasil, as últimas décadas do século XIX foram decisivas para a ciência geográfica, que passou a ganhar importância com a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1838, e da Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro (SGRJ), em 1883. Essas instituições contribuíram no sentido de impulsionar os estudos e o ensino da geografia, utilizados no reconhecimento do território e na constituição de uma identidade nacional.

1.1 – A geografia como disciplina escolar

Como ciência escolar, a Geografia entra no ensino brasileiro ainda no século XIX. Em 1837, foi implantado como disciplina escolar obrigatória pela primeira vez no Brasil, fato que aconteceu no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. O principal objetivo de instituir tal ciência era a capacitação política de uma camada da elite brasileira que pretendia se inserir nos cargos políticos e nas demais atividades relacionadas.

Por volta do ano de 1900, a ciência se consolidou nas escolas de praticamente todo o território brasileiro. A principal característica desse momento era a disseminação da ideia de se conhecer os aspectos naturais regionais, com o intuito de criar no estudante um sentimento de patriotismo.

Em 1934, a Geografia chegou às instituições universitárias, pois o curso foi implantado na Universidade de São Paulo. O quadro de professores era formado por docentes de tendências tradicionais, influenciado pela escola francesa.

No ano de 1966, Yves Lacoste publicou sua obra Geografia do Subdesenvolvimento. A partir desse fato teve início as primeiras propostas oriundas das ideias da Geografia crítica no Brasil. Nos anos 70, período no qual o país vivenciou uma

ditadura militar, a Geografia e a História foram unificadas em uma única disciplina, denominadas de Estudos Sociais. Essa iniciativa do Governo Militar visava coibir o surgimento de movimentos, apoiados na ideia de que a Geografia e a História figuravam como uma ameaça política.

No final da década de 1970, mas especificamente em 1978, Milton Santos, considerado o maior geógrafo brasileiro, lançou uma obra intitulada “Por uma Geografia Nova”. Este trabalho despertava a importância da realização de estudos direcionados às relações sociais e seus problemas. Doze anos mais tarde, após a publicação de uma pesquisa em que ficou comprovado o baixo nível de conhecimento acerca da Geografia, foi aberto no Brasil debates e discussões sobre as perspectivas da ciência para o século XXI, especialmente no processo de ensino-aprendizagem.

Outros marcos importantes na trajetória da Geografia no Brasil diz respeito a criação do Núcleo de Pesquisa Sobre Espaço e Cultura da Universidade Estadual do Rio de Janeiro foi inaugurado, em 1993. E por fim, uma das mudanças de maior relevância no Brasil aconteceu em 1998, com o lançamento oficial dos objetivos da Geografia nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que afirma que os educandos necessitam conhecer e compreender as relações entre a sociedade e também a dinâmica da natureza e suas paisagens.

1.2 – Geografia Tradicional e Crítica

A evolução da Geografia enquanto ciência fez surgir correntes filosóficas distintas. Sendo assim, apresentamos nessa sessão a Geografia Tradicional e Geografia Crítica, com intuito de fazer uma apresentação dessas correntes para embasar a discussão sobre o ensino de geografia.

1.2.1 – A Geografia Tradicional

Em algumas publicações e debates no que se refere a metodologias e práticas dos professores de geografia em suas atividades na sala de aula, identificamos um debate sobre a chamada metodologia tradicional. Segundo Oliveira (2005), a Geografia Tradicional é uma herança do positivismo clássico e suas sequelas, uma vez que o Positivismo é uma concepção epistemológica e filosófica que pode dirigir o pensamento científico.

Em um raciocínio semelhante, Vlach (1991 p. 53), nos diz que:

(...) as principais limitações da Geografia Tradicional derivam dessa ausência de reflexões a respeito do contexto político-epistemológico em que aflorou, o que reduziu a uma abordagem dos elementos naturais em si mesmo, como se a localização e a descrição da natureza não tivesse um significado específico para a sociedade moderna, qual seja o de algo que não era mais pura contemplação do Universo, mas algo que em primeiro lugar vinha sendo instrumentalizado pelo homem

Conforme a visão desses autores, a Geografia Tradicional tem como base o positivismo, diminuindo a manifestação da realidade do mundo, na intenção de dominar as aparências dos fenômenos, que procura mostrar a ciência geográfica como observadora. O positivismo, enquanto forma de pensar, foi desenvolvida na Europa Ocidental, tendo boa aceitação e difusão, apresentando ideias baseadas nos interesses das classes burguesas capitalistas que se achavam em plena ascensão, pois havia a necessidade de uma ideologia que defendesse suas ideias e que desse suporte as lutas de classes e os próprios problemas surgidos na época.

No Brasil essa corrente filosófica baseada no positivismo se fortificou pela falta de estrutura educacional e pela insuficiência de Faculdade de Filosofia e Ciências, como também uma oposição a essa corrente filosófica e doutrinária na época.

Contudo, várias tendências surgiram para que houvesse a Renovação da Geografia, especialmente a partir década de 1960. A Geografia Tradicional ou Clássica era baseada na visão sintética, separando-se do particular e voltando-se para a criação de leis, ou seja, criando teorias e métodos para estudar os conteúdos de Geografia. Assim essa visão foi baseada no positivismo lógico, que também culminou a possibilidade da criação do desenvolvimento da Nova Geografia ou Geografia Quantitativa e Teorética.

Há, no entanto, o reconhecimento de que o método tradicional com trouxe alguns resquícios para a evolução da disciplina de Geografia, com conhecimentos sistematizados, elaboração de alguns conceitos de áreas específicas da Geografia. Mas para, diversos autores, a maioria de suas bases conceituais não mais contribui para as necessidades dos dias atuais.

Para alguns estudiosos das escolas na atualidade a Geografia Tradicional é a mais simpática, por que fala de algo que podemos ver, ou seja, possui início meio e fim. Contudo, é reconhecido que a Geografia Tradicional deixou três grandes colaborações para o pensamento geográfico.

Em primeiro lugar a Geografia Tradicional deixou uma ciência elaborada, um corpo de conhecimentos sistematizado em investigações, articulando uma disciplina autônoma (...). E, finalmente, o pensamento tradicional da Geografia elaborou alguns conceitos (como território, ambiente, região, habitat, área etc. que merece ser rediscutido. (MORAES, 1987, p.91/92).

Após a Segunda Guerra Mundial, aconteceram muitas mudanças políticas, sociais econômicas e culturais no mundo, o capitalismo firmou em sua fase monopolista. O modelo de liberalismo econômico no Brasil foi modificado pelo modelo criado pelo estado de Bem-Estar Social, aparecendo uma intervenção maior do Estado na economia do país.

No Brasil, houve um aumento de urbanização, juntamente com o processo de evolução da tecnologia, o aumento do consumo, o desenvolvimento tecnológico, o avanço também dos meios de comunicação. Tudo isso junto provocou sérios problemas ambientais. Novos hábitos surgiram e até mesmo o aparecimento de novos tipos de comportamentos da sociedade brasileira. Na esteira desses acontecimentos, a Geografia Tradicional entrou em crise, pois seus procedimentos e análises não condiziam com a atual realidade, pois surgiam vários fenômenos que não aconteciam como: grande concentração de pessoas em centros urbanos, aumento dos problemas sociais, consumismo, dentre outros.

A partir dessa nova realidade, os geógrafos que pesquisavam naquele momento tiveram dificuldades em construir um saber comprometido com os interesses dos dominados economicamente e politicamente. Surge assim, a necessidade de desenvolver uma ciência geográfica, que possuísse teoria metodológica com a finalidade de alcançar uma investigação mais voltada para os acontecimentos da época, ou seja, entender os novos fenômenos que foram surgindo com essa nova sociedade que surgiu, conforme o contexto histórico-social, que conseguisse estudar a relação entre as categorias que existiam entre o espaço e o próprio tempo.

1.2.2 – Geografia Crítica

A Geografia Crítica ancora suas bases na corrente do pensamento geográfico voltada para uma “Nova Geografia” ou Geografia Quantitativa, que apareceu no período da Guerra Fria, no século XX. Esta corrente se iniciou em um período de dominação e uso ideológico de informações, em relação às questões sociais, nos países ricos, e também se estendeu aos países subdesenvolvidos para acelerar o crescimento.

Essa corrente procura responder às questões que ocorrem na modificação espacial devido ao acelerado crescimento do Brasil, decorrente da industrialização e do aumento do capital que provocou uma urbanização no país.. Dessa forma, ela surge como um pensamento capaz de auxiliar na ruptura da Geografia Tradicional e Teorética-Quantitativa. Com a introdução de suas novas ideias provocou debates entre os geógrafos marxistas e não marxistas.

A Geografia Crítica propõe uma transformação frente à realidade social, na busca para que o saber científico tenha um conteúdo bem expressivo, no que se refere ao campo político. Ela busca ser militante, ou seja, busca por uma sociedade mais justa, que seja um instrumento de libertação do homem. Faz análises das contradições que existem no capitalismo.

Com as mudanças de pensamento em relação à Geografia e essa nova tendência crítica, desenvolveram-se muitas críticas em meio aos geógrafos que possuíam pensamentos diferentes naquela época, pois a Geografia crítica propõe à disciplina uma discussão maior a respeito das questões epistemológicas, o que faz aparecer duas grandes sugestões para análise: (1) Definição dos objetivos; (2) Objeto a que se propõe a estudar.

Essas questões são definidas com a intenção de estudar o espaço geográfico no qual a sociedade está inserida, no qual ela própria se produz e reproduz, por meio do trabalho social, na tentativa de compreender como se processa esses fenômenos de interação.

No Brasil, a Geografia Crítica entra nas escolas de ensino fundamental, para organizar os métodos e os conteúdos na disciplina de Geografia, na tentativa de auxiliar na compreensão das relações entre sociedade e espaço geográfico. Além disso, busca firmar o ensino da Geografia Crítica, no sentido de mostrar a realidade social, na intenção de mostrar que existe uma ligação, ou seja, uma interação entre a prática pedagógica e os próprios fundamentos teóricos- metodológicos no que se refere aos conteúdos de Geografia.

Onde temos a geografia critica que explora a corrente traz ao homem capitalista uma reflexão de como usar o espaço, enquanto a Geografia Tradicional preocupava-se apenas com a natureza, as velhas teorias veiculando sempre a ideia de expansão territorial como forma de poder, sem se preocupar com o lado social. Era de denominação da burguesia.

Abaixo, elencamos baseado no trabalho de Hirota (2008), as correntes históricas do pensamento geográfico:

1.2.3 – Princípios Básicos da Geografia Tradicional e da Geografia Crítica

Geografia Tradicional	Geografia Crítica
<ul style="list-style-type: none"> ❖ Temas sistematizados ❖ Definição de conceitos ❖ Organização características territoriais do país por área específica. ❖ Procurou com o seu método legitimar o Estado Nacional. ❖ Ajudou na racionalidade administrativa do país. ❖ Promoveu uma característica voltada por terra, conhecer o território para dominar. Fundou o Estado. ❖ Herança francesa. ❖ Ajudou a conhecer o Território brasileiro para melhor manipulá-lo. ❖ Afasta a filosofia e as outras ciências. ❖ Utilizada para o capitalismo. ❖ Uso da prática empírica. ❖ Fatos geográficos apresentados compartimentados e isolados. ❖ Conteúdos sem relação com outra disciplina. 	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Método de investigação ❖ Dialética – componente fundamental da base teórico-metodológico da Geografia Crítica. ❖ Princípios metodológicos da investigação dialética da realidade Social. ❖ Busca compreensão do caráter contraditório das relações que produzem o espaço geográfico. ❖ Método que investiga as base sociais. ❖ Aproximação da filosofia a outras ciências. ❖ Criação de muitas concepções para as explicações dos fenômenos, como estruturalismo, existencialismo, ecletismo... ❖ Não valoriza somente o espaço geográfico como fonte de análise e ❖ Também as interações entre sociedade e natureza.

CAPITULO II

2. Ensino de Geografia: desafios e possibilidades

A apresentação das bases da Geografia Tradicional e Crítica no capítulo anterior teve a intenção de embasar uma breve reflexão sobre os desafios atuais no ensino de geografia. Esse aspecto é de suma importância para esse trabalho uma vez que nossa

pesquisa empírica visou conhecer o perfil, dificuldades e inquietações dos professores de geografia da cidade Araruna.

Ao analisar autores que tratam desse tema, uma constatação que vai se delineando é que o ensino de geografia, de forma geral, não está cumprindo seu papel, ou seja, não está vinculado com a tomada de consciência crítica do cidadão como deveria ser. Parte do descumprimento desse papel se deve a uma série de fatores, entre eles, a carência de recursos didáticos apropriados, falta de infraestrutura adequada para o ensino, além da deficiência na formação de professores, que contribui ainda mais para um ensino fragilizado, que deveria estar profundamente pautado na formação do cidadão crítico. Afinal, como nos diz Freire (2002), a educação enquanto prática libertadora deve contribuir para superar o conhecimento empírico. Este processo, para Freire (2002, p. 34) “ocorre através do aprofundamento da tomada de consciência que precisa desdobrar-se na ação transformadora da realidade”.

De acordo com Oliveira 1989 (p. 137) “a grande maioria dos professores da rede de ensino sabe muito bem que o ensino atual da geografia não satisfaz nem ao aluno e nem ao professor.” A construção do conhecimento é alicerçada pelo livro didático mesmo que este apresente problemas. Para o autor, “é neste material, sem qualidade aferida ou ratificada pelos círculos acadêmicos das universidades e pelos professores da rede oficial, que se tem transformado no definidor da geografia que se ensina”.

Segundo suas reflexões, a construção do conhecimento do educando precisa estar alicerçada no cotidiano: ou seja, nas relações sociais que estabelece. Uma vez consciente disso, o professor de geografia, enquanto educador problematizador contribui para a tomada de consciência – a conscientização – que ocorre justamente pela defrontação com o mundo, coma realidade concreta no exercício contínuo da práxis – ação/reflexão.

Para isso, faz-se necessário a construção de conceitos básicos no processo de ensino-aprendizagem, pois estes lançam os elementos e o instrumental teórico indispensável na compreensão da realidade, suas formas de representação e o jogo de interesses implícitos na organização do espaço geográfico. Ao alicerçar-se no espaço cotidiano dos educandos o processo de ensino-aprendizagem utiliza-se de uma base concreta, ou seja, um espaço conhecido e experimentado pelo educando, contribuindo para que o ensino de geografia supere a abstração descontextualizada. Esta constatação fundamenta-se no pressuposto de que a educação é um processo construtivo, que

envolve o aluno e seu meio de ação, ou seja, o seu lugar. Este lugar é real, palpável, passível de observação direta, tornando-se assim um enorme e inesgotável recurso didático. Desta maneira, Callai (1988, p.72) reitera que:

Ao permitir e criar as condições a que ele trabalhe com sua realidade próxima, o aluno estará conhecendo, de modo mais sistemático, o lugar em que vive e construindo os conceitos necessários tanto para a aprendizagem futura quanto como para sua vida. O reconhecimento da realidade na qual se está inserido é fundamental para o processo educacional.

Neste sentido, as práticas de ensino desenvolvidas na escola devem estar em consonância com a realidade vivida pelos educandos, pois só reconhecendo o seu espaço e pensando-o criticamente é que estes serão capazes de agir conscientemente na superação dos problemas e na construção de uma nova realidade. Assim, a educação cumprirá seu papel na formação de sujeitos sociais, conscientes de suas práticas e seu papel na sociedade. Conforme o exposto acima, a geografia mostra-se como uma ciência fundamental na construção desta consciência espacial, ou seja, ela viabiliza o reconhecimento do educando como sujeito de seu espaço. Neste sentido, Souza (2001, p.33) salienta que:

[...] ao procurar um sentido para a escola e para o ensino de Geografia, o fazemos partindo do pressuposto de que a escola e, conseqüentemente, o ensino de Geografia podem se tornar elementos importantes para o entendimento da realidade da clientela escolar e também para propiciar-lhes acesso a uma forma de pensar e entender própria da escola e da sociedade como um todo, que por meio de conhecimentos científicos construídos e acumulados pela humanidade.

Segundo Souza (2001) diante disso, uma preocupação dos estudiosos da área de tem sido: O que preocupa o professor na atualidade? Que perguntas ele se faz? O que o aflige? Quais são os desafios ele quer e precisa enfrentar? Que questões permanentes são específicas do professor de Geografia? Como ele concebe seu trabalho e o papel social que exerce? Pela experiência do autor com os professores, ao ouvir seus testemunhos, ao observar suas práticas, é possível perceber que seus questionamentos giram em torno de estratégias ou procedimentos que devem adotar para fazer com que seus alunos se interessem por suas aulas, para conseguir atenção das turmas, para garantir autoridade em sala de aula, para convencer os alunos da importância da

Geografia para suas vidas. Ou seja, para o autor, os professores de Geografia estão, frequentemente, preocupados em encontrar caminhos para propiciar o interesse coletivo dos alunos, aproximando os temas da espacialidade local e global dos temas da espacialidade vivida no cotidiano.

Ainda na reflexão de Souza (2001) em razão das inúmeras dificuldades que enfrentam no trabalho, alguns professores se sentem inseguros e se fecham em uma atitude conservadora: optam por manter os rituais rotineiros e repetitivos da sala de aula, desistindo de experimentar caminhos novos. Outros pautam seu trabalho pelo desejo permanente de promover a aprendizagem significativa dos conteúdos que ensinam, envolvendo seus alunos e articulando intencionalmente seus projetos profissionais a projetos sociais mais amplos. Estes últimos não buscam simplesmente recursos técnicos, receitas para um bom ensino, como muitas vezes se diz. Eles têm intuição de que isso não basta, pois os desafios que necessitam enfrentar não são simples e passíveis de se resolver com receitas; ao contrário, são complexos e requerem orientações teóricas seguras, conhecimento da realidade e dos processos da escola, convicções sobre modos de atuação nessa instituição.

2.1- Cartografia: um desafio a mais no ensino de geografia

Como professor de geografia, me chama atenção as dificuldades no ensino-aprendizagem no que diz respeito à cartografia. Como em nossas entrevistas aos professores da cidade de Araruna, questionamos também sobre o ensino de cartografia, entendemos como importante abordar, mesmo que rapidamente, a compreensão de estudiosos sobre os principais desafios no ensino de cartografia.

A Cartografia é a ciência da representação e do estudo da distribuição espacial dos fenômenos naturais e sociais, suas relações e suas transformações ao longo do tempo, por meio de representações cartográficas – modelos icônicos – que reproduzem este ou aquele aspecto da realidade de forma gráfica e generalizada.

Segundo Francischett (2004), durante muito tempo, ciência geográfica e a cartografia foram vistas como ciências distintas. Ou seja, cada uma seguia seu próprio rumo apesar de ter em comum o objeto de análise: o espaço geográfico. O ensino da cartografia, principalmente a partir do século XX, foi visto como complemento do conteúdo geográfico, o que infelizmente fazia com que o ensino da cartografia fugisse da sua

essência, a qual busca principalmente a interpretação de diferentes símbolos e signos permitindo-nos compreender e representar a realidade sócio espacial.

Segundo Francischett (2004), a situação perdurou até a chegada da geografia crítica, pois foi com o surgimento desta nova corrente geográfica que o ensino da cartografia ganha importância e passa a ser considerada indispensável para o ensino geográfico. O ensino cartográfico passa a ser compreendida como de grande importância para a compreensão do espaço e das relações de produção e reprodução da sociedade nele existente

Dentro do ensino de Geografia, a Cartografia é uma linguagem de grande valor, pois se trata de um importante meio de comunicação e informação geográfica. O mapa, um dos seus produtos, sempre esteve associado ao seu ensino. Assim a Cartografia, no Ensino de Geografia, ajuda a localizar o objeto de estudo, a entender por que aqui e não em outro lugar; a saber, como é este lugar; o porquê deste lugar ser assim; por que as coisas estão dispostas desta maneira; qual a significação deste ordenamento espacial; quais as consequências deste ordenamento espacial.

Diante disso, nos últimos anos há uma reaproximação da Cartografia com o Ensino de Geografia, uma vez que sua linguagem é entendida como fundamental para um ensino crítico do espaço geográfico, se feito sob uma concepção teórico-metodológico que não seja a Tradicional. Essa compreensão fica clara na colocação de Castrogiovani (1998, p. 39), quando diz que: “O fundamental no ensino da Geografia é que o aluno/cidadão aprenda a fazer uma leitura crítica da representação cartográfica, isto é, decodificá-la, transpondo suas informações para o uso do cotidiano. Deve ter claro que ela antes de tudo é uma representação política”.

O fato dos alunos chegarem ao Ensino Médio sem o domínio da leitura cartográfica nos leva a um questionamento: no Ensino de Geografia, não se está dando a devida importância a Cartografia, como meio de análise, de interpretação e reorganização do espaço? Lacoste (2005, p. 55), em seu trabalho, questiona o descompromisso da escola em relação à alfabetização cartográfica: “Vai-se à escola para aprender a ler, a escrever e a contar. Por que não para aprender a ler uma carta”? A questão colocada pelo autor põe em discussão os processos de alfabetização cartográfica, a formação do professor em relação à Cartografia, assim como as concepções presentes nas práticas de ensino dos

professores quanto ao uso da Cartografia no fundamental e suas possíveis relações com as dificuldades dos alunos do Ensino Médio no uso dos conceitos cartográficos.

A compreensão, no entanto, é que Geografia e a Cartografia são ciências que envolvem um conhecimento estratégico, que permite às pessoas que desconhecem seus espaço e sua representação, passarem a organizar e dominar este espaço. Portanto, é fundamental a alfabetização cartográfica como uma proposta metodológica que possa romper com o Ensino de Geografia Tradicional e o aluno possa compreender o conteúdo estratégico da Ciência Geográfica e assim participar das mudanças em prol de um mundo melhor.

Trata-se, então, de buscar alternativas de uso da Cartografia no ensino da Geografia que contribua de fato para um desenvolvimento potencial de interferência do sujeito na sociedade e possa assim fazer frente ao poder do Estado ou grupos poderosos em seus interesses na exploração e planejamento de ações no espaço geográfico. Assim, a Cartografia pode de fato, tornar-se uma ferramenta que potencializa esta dimensão ativa do sujeito.

Mas o que é mais preocupante é o fato de que tanto os professores formados há mais tempo como também os de formação recente têm diferenças muito grandes no conteúdo ou do seu encaminhamento metodológico, quanto à disciplina de Cartografia. Em levantamento realizado com os professores de Geografia, constatou-se como regular a formação acadêmica de alguns professores, no sentido que o habilite a desenvolver um programa destinado a levar o aluno a dominar conceitos espaciais e sua representação. Justificam que a Cartografia foi pouca linguagem (negação ao tradicional) para o Ensino de Geografia. Um professor aponta que para dar conta na prática diária em sala de aula, foi necessário buscar em outros espaços a formação necessária.

3. Ensino de Geografia em Araruna

A nossa pesquisa foi realizada com 10 professores de Geografia das três escolas de ensinos fundamental e médio da área urbana de Araruna. Para aplicação do questionário, fomos ao encontro de professores da disciplina de Geografia nas três escolas da cidade. Os mesmo contribuíram tanto respondendo às perguntas, como também conversando sobre suas experiências.

O questionário, construído e aplicado com os referidos docentes, continha 15 questões objetivas e subjetivas que levantam dados que visavam montar um perfil desses professores, a exemplo de sexo, idade, tempo de magistério e formação e perguntar que visaram o mapeamento da opinião desses professores sobre o ensino da geografia e suas principais dificuldades.

Dos 10 professores entrevistados, sete (07) são do sexo masculino e três (3) do sexo feminino, com a idade variando entre 23 a 60 anos. Ou seja, há uma importante variação de idades, o que demonstra que temos professores que, possivelmente, receberam formações diferenciadas em relação a própria concepção do ensino de geografia.

O tempo de experiências dos professores entrevistados variou da seguinte forma: três (03) com dois a cinco anos; quatro (4) de seis a doze anos; 02 (dois) entre 25 e 28 anos.

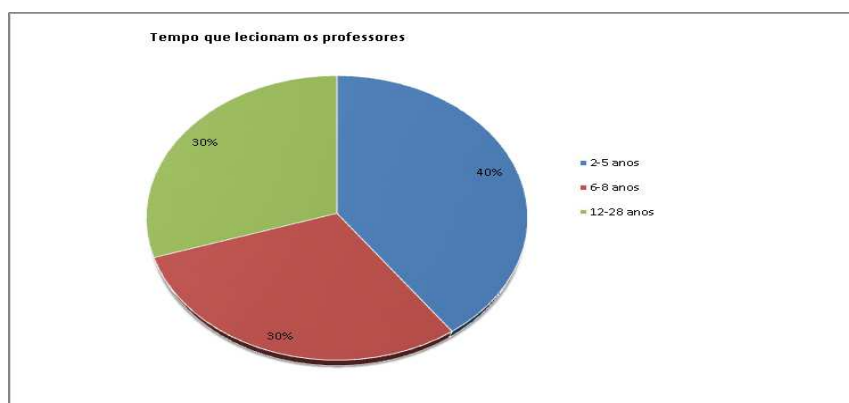


Gráfico – 01 – Tempo de experiência como professor

Em relação à formação, cinco (05) professores possuem graduação em Geografia; três (03) em Ciências da Natureza; um (01) possui formação em Pedagogia; um (01) com formação em Estudos Sociais e Ciências Naturais. Já no que diz respeito à especialização, foi constatado que dois (02) tinham especialização em Ciências Ambientais e Geo-História; quatro (04) com especialização em Geo-História; um (01) e cursando mestrado na área de Educação; e quatro (04), não possuem nem um tipo de especialização.

Os dados sobre formação de professores em nível de graduação e pós-graduação também nos mostram informações importantes desse perfil. Ou seja, 50% dos professores

são formados em geografia, possuindo especialização em geografia, enquanto outros 50% possuem graduação em outras áreas do conhecimento, sendo que 40% destes não possuem pós-graduação em nenhuma área. Podemos dizer com isso, que metade dos professores tem uma formação, a priori, adequado; enquanto a outra possui deficiências na formação para o ensino de geografia.

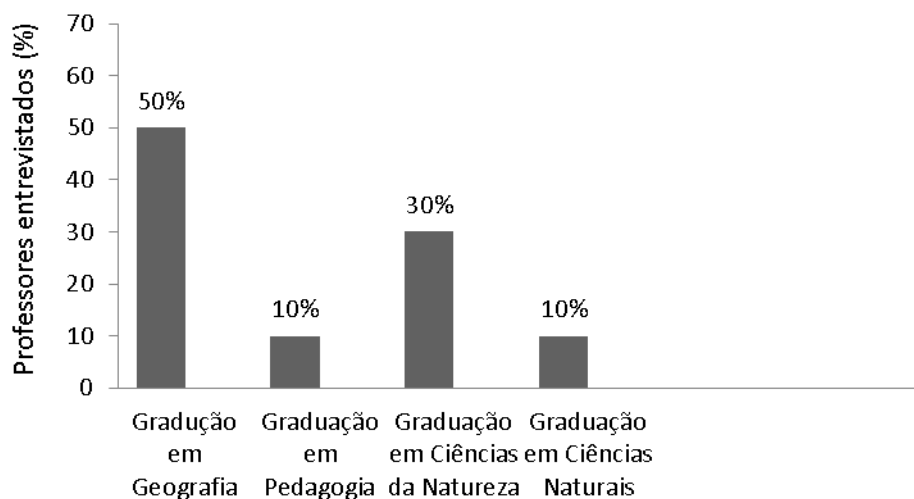


Gráfico 02 – graduação dos professores

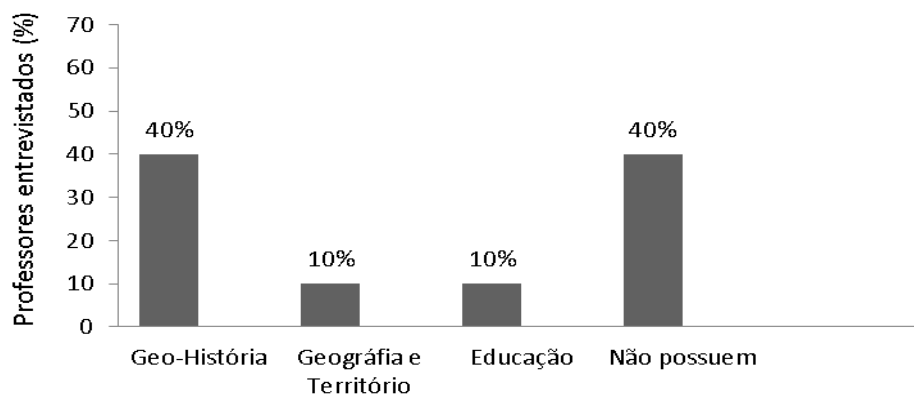


Gráfico – 03 pós-graduação dos professores

Em relação a treinamento continuado na sua área de atuação, 06 (seis) professores não recebem nenhum tipo de treinamento, enquanto 04 informaram ter passado por capacitação. Ou seja, temos 40% do corpo docente que não tem recebido capacitação na área.

Quando questionamos (pergunta 07) aos professores “qual o objetivo do ensino escolar de geografia”, a partir de quatro possibilidades de respostas. As opções dadas no

questionário foram retiradas dos PCN's de Geografia. Nas primeiras quatro opções o objetivo estava fragmentado em diversos objetivos específicos, onde apenas na última questão contemplava o mesmo em sua totalidade.

Os professores entrevistados se distribuíram da seguinte forma: 01 (um) acredita que o objetivo seja "Formar indivíduos que saiba ler o espaço"; 06 (seis) professores defenderam que deve ser "Formar indivíduos capazes de analisar o espaço o sistema e as estruturas que produzem sua organização". A terceira opção "Formar leitores eficientes de Mapas" não foi escolhida por nenhum dos docentes. Porém, outros 03 (três) professores escolheram a alternativa que contemplava "Todas as opções anteriores".

Ou seja, apenas 30% dos docentes demonstraram conhecer os objetivos do ensino de geografia em sua totalidade. A segunda opção de resposta que deteve o maior número de professores, 60% deles, deixou de foram a questão da leitura do espaço, assim como a de mapas.

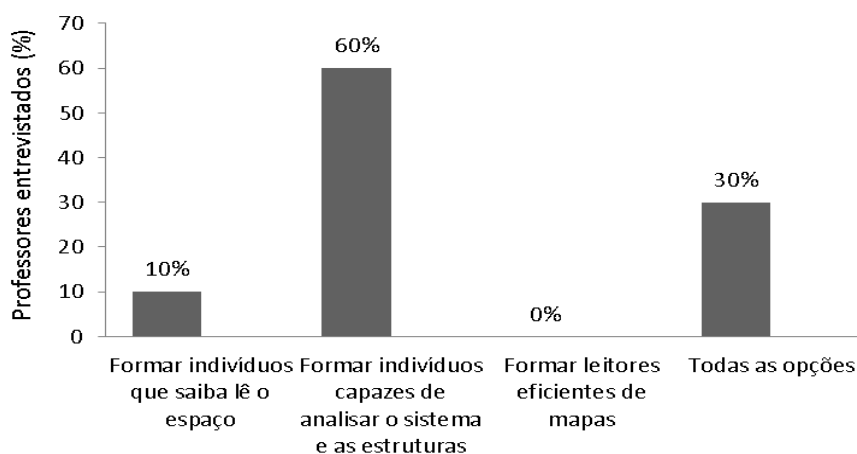


Gráfico 04 – objetivo do ensino de geografia

Em relação a treinamento continuado na sua área de atuação, 06 (seis) professores não recebem nenhum tipo de treinamento, enquanto 04 informaram ter passado por capacitação.

Quando perguntamos como compreendem seu ensino de geografia, (06) professores se disseram tradicional, enquanto 04 outros se analisaram como inovador.

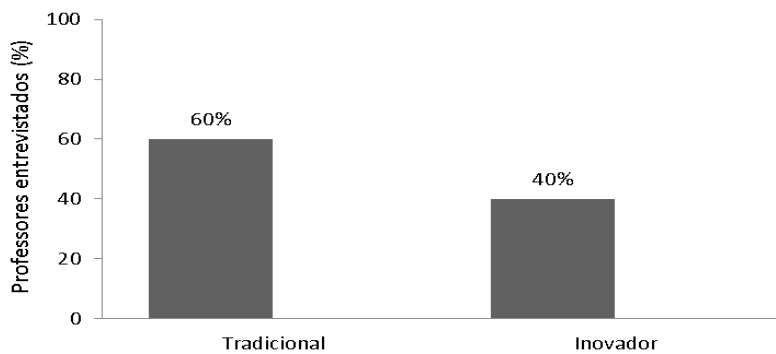


Gráfico – 05 – ensino de geografia tradicional e inovador

Na questão 09, foi perguntado quanto aos recursos didáticos metodológicos disponíveis para o ensino, sete (07) professores responderam que nas escolas que lecionavam, três professores possuem computadores com internet e 03 (três) data-show.

Na décima pergunta dirigimos ao ensino de Cartografia. Quando perguntamos sobre a importância do ensino de cartografia, 09 (nove) professores disseram ser “muito importante”, enquanto 01 (um) compreende como “razoável”. Pelo resultado deste item, os professores de Araruna parecem ter uma boa compreensão da importância do ensino de cartografia dentro da Geografia. Contudo, como demonstrou a questão 7, quatro professores, ou seja, 40% dos professores não escolheram como parte do objetivo do ensino de geografia “Formar leitores eficientes de mapas”. Sendo assim, há uma contradição nessas respostas que apontam para dificuldades na compreensão da importância do ensino de cartografia.

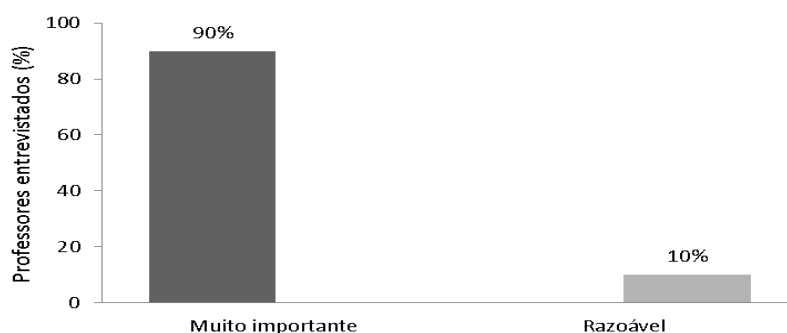


Gráfico – 06 a importância do ensino de cartografia.

Na sequência, perguntamos se o conteúdo proposto no livro texto na área de cartografia seria suficiente para uma boa abordagem do assunto. Três (03) professores

responderam afirmativamente; 04 (quatro) docentes disseram que não; enquanto outros três (03) disseram ser “razoável”. Como vimos na discussão teórica, além dos conteúdos trazidos serem insuficientes e até mesmo inadequados para o ensino de geografia, a cartografia se apresenta na atualidade como nos diz Francischett (2004) como de extrema importância para a geografia.

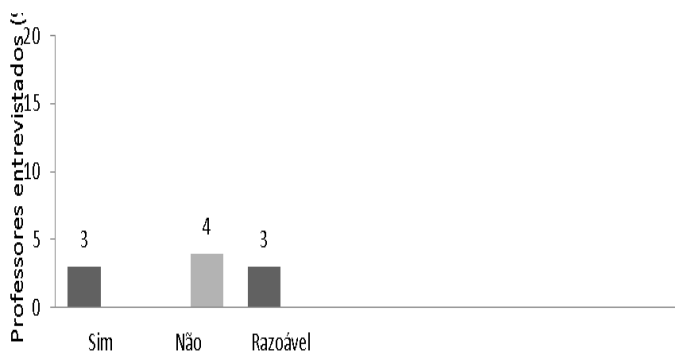


Grafico – 07 – conteúdo de cartografia do livro texto de geografia

Quando perguntamos sobre a formação dos mesmos na área da cartografia, as respostas foram as seguintes: Cinco (05) professores responderam que tiveram uma boa formação sobre cartografia e cinco (05) responderam que não tiveram uma boa formação. Porém, os mesmos não justificaram sobre suas respostas. Os resultados dessa questão são indicativas do porquê boa parte dos professores não compreendem bem a importância da geografia: porque não receberam boa formação na área, o que tanto dificulta a compreensão do papel da mesma, como seu estudo em sala de aula.

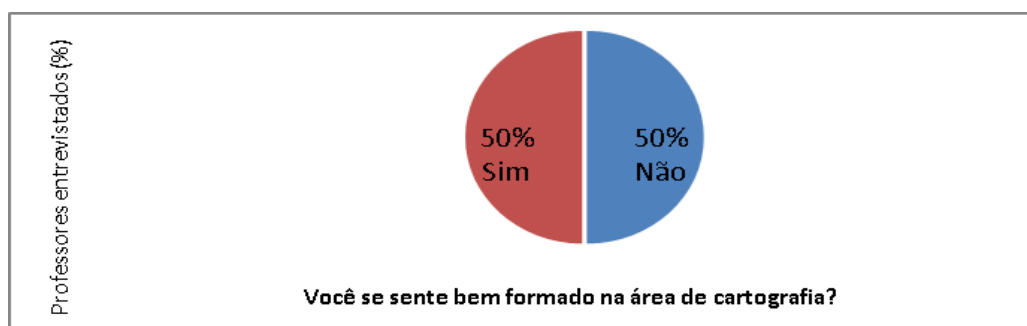


Grafico – 08 - formação em cartografia

Solicitamos aos professores que elencassem as principais dificuldades no ensino de cartografia, 100% afirmaram que o principal desafio é “material adequado”. Desses 10 professores, outros 06 disseram também que outro problema é a “Dificuldade de compreensão do aluno”. E outros 04 disseram que há “desinteresse do aluno”. Como vemos, a falta de material aparece como um problema para todos os professores, seguidos de problemas como o aluno. Obs. (os Professores poderiam assinalar mais de uma alternativa).

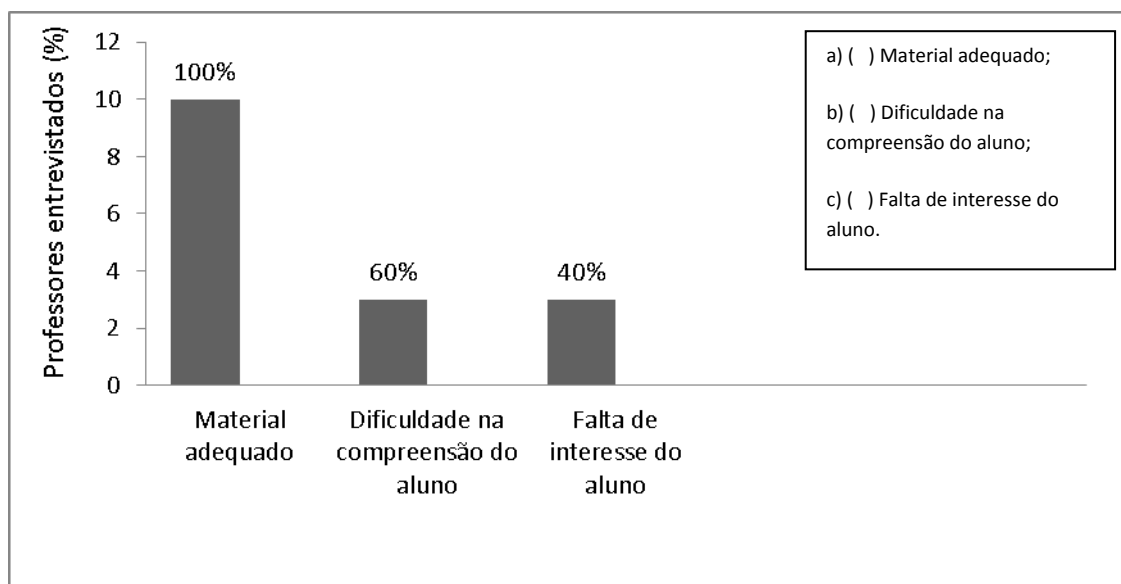


Gráfico – 10 principais dificuldades no ensino de cartografia

Por último, perguntamos aos mesmos, o que eles sugerem para melhoria do ensino escolar de geografia. Nove (09) professores sugeriram “Formação continuada”. Desses 09, dois disseram também que “Aulas diversificadas”; 03 (três) participação do aluno e 03 (três) planejamento de aulas com outros colegas.

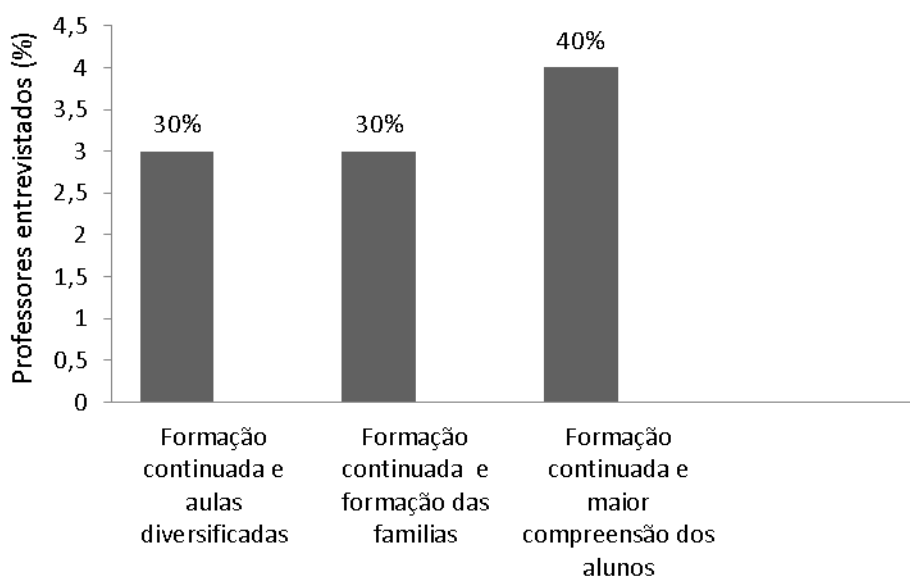


Gráfico – 09 – principais dificuldades no ensino de cartografia

As respostas dos professores demonstram que 90% deles necessitam necessidade de capacitação continuada, o que nos mostra o entendimento de que há desafios que podem ser superados com novos estudos. Outros problemas apresentados como aulas diversificadas que é uma solução que pode ser realizada por os próprios professores podem contribuir com os outros problemas apontados como “dificuldade de compreensão”.

Considerações Finais

Este trabalho buscou mapear a visão dos professores da rede pública sobre o ensino de geografia na região. Dos 10 professores da pesquisa, 50% tem formação em nível de graduação e pós-graduação em geografia, enquanto os outros 50% além de não possuir graduação na área, 40% não possuem pós-graduação. Diante dos dados, alguns dos problemas elencando pode ser justificado pela falta de formação, que contribuir com a ausência de um ensino de Geografia mais significativo, já falta habilitação de parte desses profissionais.

Como vimos, parte dos professores mostraram que não compreender os objetivos do ensino escolar de geografia em sua totalidade, mas de forma fragmentada. Apenas parte desse corpo de professores demonstram uma percepção desse objetivo como um todo. A solução, no entanto, aparece ser bem compreendida pelos docentes.

Como vimos também, 60% dos professores se dizem tradicionais, enquanto 40% se avaliam inovador. Como os docentes não justificam suas respostas não dá pra avaliar exatamente o que significa cada posição. No entanto, pelo que discutimos nesse trabalho, o ensino e geografia exige cada vez mais que saia do ensino tradicional. Sendo assim entendemos que é imprescindível repensar um novo projeto para a disciplina de geografia, que rompa com essas práticas de ensino tradicional trabalhadas com conteúdos fragmentados, que dificultam a compreensão da realidade em sua complexidade.

A nosso ver, isso requer espaços coletivos que promovam o exercício constante de reflexão e construção/pesquisa, para que se possa repensar a prática desenvolvida no cotidiano da sala de aula.

Pela pesquisa, o que também parece contribuir para um nível de ensino ruim são algumas dificuldades citadas pelos docentes, como as relacionadas ao material não disponível pra trabalhar os conteúdos de cartografia, além, claro, do desinteresse dos alunos nas aulas de geografia.

Para resolver estas dificuldades os professores entrevistados em sua totalidade sugeriram “Formação continuada”. Essa solução tem dois caminhos: um do poder público que deve investir mais nessa formação e do próprio professor que pode buscar novos treinamentos e leitura. “Aulas diversificadas” é uma solução que depende diretamente dos professores, mas que pode auxiliar de forma importante para melhorar a “participação do aluno e , conseqüentemente, seu interesse pelas aulas.

Finalmente, acreditamos que esse trabalho auxiliou para um melhor entendimento do ensino de geografia em Araruna, uma vez que o mesmo pode auxiliar a mim e aos meus colegas para refletir sobre nossa atuação e nossa prática como professores de geografia.

Referências bibliográficas

MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypychynski – UPF **GT**: Didática / n.04 - 2002.

PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Geografia. Secretaria de Educação e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALLAI, H. C. O ensino de geografia: recortes espaciais para análise. In: CALLAI, H. C.;

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Org.). Para onde vai o ensino de Geografia? – 9. ed. – São Paulo: Contexto, 2005. – (Repensando o ensino).

LACOSTE, Yves. A geografia escolar que ignora toda prática teve de início, a tarefa de mostrar a pátria. In _____. A geografia – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas, Papirus, 1997. p. 53-58.

VLACH, Vânia. *Geografia em debate*. Belo Horizonte: Lê 1990

FRANCISCHETT, M. N. A cartografia no ensino-aprendizagem da Geografia. Biblioteca On-Line de Ciências da computação. Pp 1-11. 2004.

Anexo

Pesquisa sobre Ensino de Geografia nas Escolas de Araruna

01) **Ensino:**

() Público () Particular

02) **Sexo:** () Masculino () Feminino **Idade:** _____

03 – Qual sua formação?

04 – Tem especialização? Se sim, em que área?

05 – Há quanto tempo leciona Geografia?

06 – Já recebeu algum tipo de treinamento continuado nessa área? Se sim, quando?

07 – Para você, qual objetivo do ensino escolar de geografia?

- a) () Formar indivíduos que saiba ler o espaço
- b) () Formar indivíduos capazes de analisar o sistema e as estruturas que produzem sua organização
- c) () Formar leitores eficientes de mapas
- d) () Todas as opções

08 – Como você analisa seu ensino de geografia?

a) () Tradicional

b) () Inovador

09 – Sua escola oferece recursos metodológicos como:

a) () Computador

b) () Internet

c) () Data-show

10 – Independente do que oferece em sua escola, você utiliza recursos tecnológicos em sua aula?

a) () Sim

b) () Não

11 – Na sua opinião, qual a importância da cartografia para o ensino de geografia?

a) () Muito importante

b) () Razoável

c) () Sem importância

12 – O conteúdo proposto nos livros-texto na área de cartografia é suficiente para uma boa aprendizagem do assunto?

a) () Sim

() b) Não

() c) Razoável

13 – Você se sente bem formado na área de cartografia? Justifique.

a) () Sim

() b) Não.

14 – Quais as principais dificuldades detectadas no ensino de cartografia?

a) () Material adequado

b) () Dificuldade na compreensão do aluno

c) () Falta de interesse

15) O que você sugere como solução para a melhoria do ensino escolar de geografia?

a) () Aulas diversificadas

b) () Formação continuada

c) () Participação do aluno

d) () Planejamento com outros colegas da área